

## Metafísica para Aprendizes da Linguagem da Ciência em Administração

**Autoria:** Orlando Gomes da Silva, Amanda de Albuquerque Queiroga

### Resumo

Metafísica é um termo que porta toda uma tradição filosófica ocidental e que requer compreensão e crítica antes de seu uso. Neste working paper temos por objetivo caracterizar uma visão geral da metafísica e do uso do termo na ciência da administração no sentido de ajudar na desmistificação do assunto pelos aprendizes de pesquisador na área, uma vez que o processo de pesquisa está atrelado ao domínio de retórica singular na política da pesquisa (DEMO, 1996). Mostramos então que a metafísica é marcada em dado momento como um saber que transcende o saber físico ou natural (MORA, 2001), mas que em sua acepção aristotélica se caracteriza como a identificação do que seriam as causas primeiras, particularmente Deus, ou enquanto uma disciplina universal cuja tarefa seria identificar a natureza e a estrutura de de tudo que há, considerando o Ser dos seres ou coisas que existem (LOUX, 2002). Posteriormente os desenvolvimentos da metafísica são marcados pelas compreensões medievais e modernas, que virão a receber uma completa reorientação de um suposto conhecimento “pós-moderno” (LYOTARD, 1984) operando no problema do conhecimento com o argumento central de que não são mais válidas as meta-narrativas. A construção do conhecimento científico deve ser compreendida então nos jogos de linguagem. A fala é jogo, disputa, e os laços sociais observáveis são aqueles compostos por “movimentos” da linguagem, como nos movimentos de um jogo de xadrez. O conhecimento narrativo, segundo Lyotard (1984), pode ser entendido então pela diferenciação do que seria o conhecimento selvagem para o conhecimento científico moderno. A narração é em várias formas o quintessencial do conhecimento usual. A narrativa pode por exemplo por meio dos mitos apresentar o que é positivo e negativo numa sociedade, o que deve ou não ser ponto de desenvolvimento. Sendo a comunicação científica construída também por meio de narrativas partimos do problema de como recentemente se tem utilizado o termo metafísica na produção científica em nossa área. Para isso desenvolvemos um estudo que se realiza em duas bases: uma compreensão geral da evolução do que se denomina metafísica como disciplina da filosofia até a percepção recente denominada de pós-moderna que recontextualiza o tema. Em seguida adicionamos um estudo de índice e uso em 14 dos principais periódicos Qualis-CAPES A1 na área de Administração. Os resultados mostram alguns usos do termo metafísica na Administração, dentre eles como uma ontologia específica ou como uma visão de mundo subjacente às nossas práticas e epistemologias. Concluímos que ontologia é a associação mais próxima de metafísica no contexto estudado, mas que outros usos, como e representação, se apresentam igualmente perceptíveis e possíveis de construções linguísticas em nossas realidade.

### Para começo de conversa

Qualquer tipo de trabalho tem aprendizado que envolve linguagem. Compreensão de termos comuns que possibilitam o entendimento entre os envolvidos com as atividades. Especificidades de significação imediata próprias dos integrantes de um grupo. Os termos técnicos são parte deste contexto. Termos cujo o domínio é essencial ao *métier*. Um recepcionista de hotel, por exemplo, aprende logo o que é um “*no-show*” e o que isto implica dependendo da situação em que ocorre. Quando se fala em cabeçote para um mecânico de automóveis a compreensão estará logo associada a uma parte fundamental dos motores de combustão. Anamnese, um termo com o qual os médicos já costumaram estar mais familiarizados, continua implicando em algo bastante particular a esta profissão.

O aprendizado do trabalho de pesquisador científico em Administração não é diferente das demais práticas profissionais. Há toda uma tradição de termos e compreensões e implicações dos seus usos diários. Porém, dada a natureza da academia, ou seja, o embate de ideias, as possibilidades que um iniciante tem em se perder nos diversos termos com os quais precisa lidar é bastante acentuada. O processo se mostra mais das vezes como um espaço de ritos especiais e com acesso restrito. Processo de pesquisa atrelado a domínio de sofisticadas técnicas, de manejo estatístico e informático, de retórica singular que revela o fenômeno político da pesquisa (DEMO, 1996). Epistemologia, por exemplo, é termo essencial do trabalho em pesquisa científica. Metafísica também, mas só que neste caso o termo é quase que uma palavra-chave para o encerramento de uma conversa, pois a partir de então poucos saberão exatamente onde estão pisando. Por isso vamos tratar aqui do termo metafísica, buscando trazer a contribuição para aprendizes da linguagem da ciência em Administração.

Cabe dizer entretanto que quando usamos a expressão “ciência em Administração” não estamos com isso nos filando à percepção que propõe a Administração como uma ciência positiva. Ainda que não neguemos esta possibilidade, por “ciência em Administração” entendemos as práticas de conhecimento científico na área, o saber buscado a partir da filiação com as noções de conhecimento científico nas suas variadas vertentes.

Para dar conta do nosso objetivo dividimos o artigo em três seções, primeiro apresentamos uma breve construção histórica da metafísica, Não buscamos a impossibilidade de esgotar o assunto, mas apenas marcar pontos de atenção para percurso do aprendizado da linguagem. A segunda parte do artigo mostra o caminho da abordagem interpretativa que procuramos com um método de investigação nos artigos científicos da Administração. Finalmente, numa terceira seção, apresentamos os contextos das investigação que nos propusemos a conduzir, a partir dos usos do termo metafísica no *corpus* investigado.

### Uma breve construção da metafísica

Construir uma narrativa da noção de metafísica é empreendimento que requer compreensão de meandros históricos e dos desenvolvimentos da filosofia ocidental. O que implica em pelo menos fazer o tradicional resgate das questões filosóficas desde os pré-socráticos, marcar invariavelmente a posição em Aristóteles e saltar para os contextos da idade média e da modernidade. E avançando mais ainda buscar o que recentemente se propõe como desconstruções e como “pós-modernismo”. Este empreendimento, assim como as limitações de cada um de nós, certamente olha demais para algumas coisas e deixa de ver muitas outras. Nosso argumento porém é que nosso esforço é apenas um esboço de estímulo para os aprendizes da linguagem. Possibilidade que lida com um mínimo da complexidade do tema, mas ao mesmo tempo ousa visualizar brechas nas concepções estudadas e vislumbra assim a possibilidade de começar a perceber que o termo metafísica pode ser tratado simplesmente pela ótica da assimilação da linguagem.

Costuma-se creditar a Andrônico de Rodes, no Séc. I a.C., o uso do termo metafísica para a identificação da série de livros que Aristóteles, que viriam logo após os livros da física, e tratavam da filosofia primeira, teologia ou sabedoria. Receberam a denominação, de acordo com a língua grega, para o entendimento de “coisas que estão além da física”. Coincidentemente esta característica se alinhou com o fato dos estudos da filosofia primeira lidarem com coisas que estariam para além ou atrás dos estudos das coisas físicas. Construindo assim a metafísica como um saber que transcende o saber físico ou natural (MORA, 2001).

Ao longo do tempo entretanto, metafísica, enquanto disciplina da Filosofia, possui diferentes concepções que foram associando-se a diferentes disciplinas. A partir de Aristóteles é possível classificar duas diferentes proposições: Metafísica enquanto uma disciplina departamental preocupada com a identificação do que seriam as causas primeiras, particularmente Deus; e Metafísica enquanto uma disciplina universal cuja tarefa seria identificar a natureza e a estrutura de de tudo que há, considerando o Ser dos seres ou coisas que existem (LOUX, 2002). Existência e essência da realidade podem ser considerados então os temas principais da metafísica, que pode ser dividida em três grandes períodos: de Platão a Hume - Séc IV a.C. / Séc. XVIII d.C.; de Kant à fenomenologia de Husserl - Séc XVII a Séc XX; metafísica contemporânea, a partir dos anos 20 do séc. XX (CHAUÍ, 2004).

Em Aristóteles, como posteriormente com os filósofos medievais, havia uma caracterização dupla da metafísica e a aceitação destas duas vertentes em uma única disciplina, que teria como objetivos tanto o de delinear a estrutura categórica da realidade quanto a natureza da substância divina (LOUX, 2002). Isto, porém, objeto de muitas discussões no campo, acabou em algum momento definindo o uso de outros termos e compreensões (MORA, 2001).

Os racionalistas continentais dos séculos XVII e XVIII passam a lidar com a metafísica de uma forma que amplia seu escopo. Pensam a metafísica como um único assunto: a natureza do Ser, e classificam então as diferentes maneiras de lidar com o Ser. Primeiro o Ser enquanto Ser, ou a metafísica geral. E então sub-ramos da metafísica denominados de metafísica especial. A consideração do Ser pela sua característica de ser mutável, ou cosmologia; o Ser dos seres racionais, ou Psicologia Racional e o Ser no caso Divino, ou a Teologia Natural. De fato, para além da ampliação do escopo, os racionalistas desvincularam-se por completo da concepção tradicional que ainda ligava a metafísica à concepção pré-filosófica do mundo e propuseram sistemas altamente especulativos e abstratos que viriam a ser o alvo das críticas dos empiristas (LOUX, 2002).

Dentre os modernos temos que Bacon considerava a metafísica como ciência das causas formais e finais, diferente da física que seria a ciência das causas materiais e eficientes. Descartes via a metafísica como um *prima philosophia* que abordaria questões como a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem. Uma das características de muitas das meditações ou reflexões denominadas metafísicas na modernidade é que se procuraram dilucidar problemas trans-físicos e assim a questão da certeza e da “primeira verdade”. Hume é o caso mais conhecido de rejeição da possibilidade do conhecimento metafísico e toda realidade tida por transcendente. À parte da tentativa de formalização da metafísica ou da distinção entre metafísica e lógica ou entre metafísica e ontologia. De modo geral podemos considerar que na ontologia se abriga o aspecto mais formal da metafísica (MORA, 2001).

Com Kant temos um avanço na crítica aos empreendimentos da metafísica. Na explicação de Kant o conhecimento humano envolve uma interação entre conceitos inatos às faculdades cognitivas humanas e o material bruto das experiências sensoriais. Os dados

sensoriais são os efeitos de um mundo externo nas nossas faculdades sensitivas subjetivas. A informação é estruturada ou organizada pelo caminho dos conceitos inatos, resultando num objeto do conhecimento. E o que chamamos de objeto do conhecimento não é então algo externo e independente do nosso aparelho cognitivo, mas sim o produto da aplicação das estruturas conceituais inatas aos estados subjetivos das nossas faculdades sensoriais. O mundo que produz estes estados subjetivos é algo que, como ele é em si próprio, nos é inacessível. Nós o captamos apenas quando ele nos afeta, quando aparece para nós. Ao evidenciar então que a metafísica, seja a Aristotélica ou dos Racionalistas, representa a tentativa de saber o que está para além da experiência sensorial humana, Kant desvela que a promessa do conhecimento científico desta metafísica é uma impossibilidade. A solução de Kant divide a metafísica em transcendental e crítica. Enquanto a metafísica transcendental busca caracterizar uma realidade que transcende a experiência sensorial, a metafísica crítica tem como sua tarefa o delineamento das especificidades mais gerais do nosso pensamento e conhecimento, buscando identificar os conceitos da nossa representação do mundo, as relações que se obtêm entre estes conceitos e as pressuposições de seu emprego objetivo. (LOUX, 2002).

A metafísica sofreu uma série de críticas ao ter acentuada a necessidade de se ater a um saber positivo, como em Comte, que considerou-a como um modo de conhecer particular a uma época da humanidade e destinada a ser superada pela época positiva. Contudo, devido à negação do saber filosófico surgiram tendências que revalorizam a metafísica a partir do próprio positivismo. Nesta esteira Dilthey e outros autores tenderam a transformar a metafísica numa “concepção de mundo” ao mesmo tempo inevitável e indemonstrável. Outros não trataram ou seguiram as tendências tradicionais da metafísica mas desenvolveram um pensamento metafísico, como Ortega y Gasset que afirmam ser a metafísica o saber no âmbito do qual se dão os outros saberes (MORA, 2001).

A fenomenologia de Husserl é outro marco da metafísica. Nesse caso os fenômenos podem ser também coisas puramente ideais, existentes apenas no pensamento, significações ou essências que aparecem à consciência e são constituídas pela própria consciência. Husserl propôs a distinção entre diferentes tipos de essências, considerando cada um delas como um tipo de ser diferente. A filosofia investigaria então as essências próprias de cada ser, fazendo com que a metafísica do Ser enquanto Ser e a metafísica das substâncias cedesse lugar ao estudo desses seres, cada um com sua essência própria e irreduzíveis uns aos outros (CHAUÍ, 2004).

Segundo Chauí (2004) os filósofos que adotaram as ideias de Husserl desenvolveram a nova ontologia. Ou seja, falar-se-ia especificamente do estudo do Ser, dos entes ou das coisas tais como em si mesmas, restringindo-se a uma compreensão da metafísica. Esta noção entretanto não é uma questão resolvida. O recurso ao uso do termo metafísica ou ontologia possui diferentes defesas e compreensões na filosofia. Heidegger é um bom exemplo de que nada está definido e tudo pode permanecer constantemente interpretável.

A compreensão da obra de Heidegger pode ser dividida em duas fases fundamentais, a existencialista e a da filosofia do Ser. Heidegger usa o termo *Dasein*, que é por vezes traduzido como existência, porém não significa existência no sentido tradicional. Uma forma simplificada de entender o *Dasein* é como o ser humano enquanto único ente que se interroga sobre o sentido do ser, tendo uma clara preeminência sobre os demais entes. E o que é próprio desta existência não é aquilo que já é mas o seu “poder ser” (MORA, 2001).

Em Heidegger a metafísica assume mais uma vez característica renovada. Para ele a metafísica era ontologia, mas devido à sua associação com Deus (que persiste de Aristóteles a Hegel), frequentemente a nomeia de *ontoteologia*. Para Heidegger a metafísica faz sentido em

contraste com a epistemologia e com a ciência. Uma questão metafísica, ou filosófica, precisa possuir dois aspectos distintivos: primeiro se preocupa com o todo, ao contrário da ciência ultrapassa qualquer ente particular ou domínio de entes, alcançando os entes como um todo; Segundo, aquele que questiona está envolvido na questão porque como Dasein ele é um ente em meio aos entes (INWOOD, 2004).

Com sua interpretação da metafísica Heidegger leva-nos de volta aos pensadores originais e suas experiências com o Ser. Isto ele entende como a superação da metafísica. Seu pensamento inicia-se com a questão que viria a se tornar a questão guia da metafísica ocidental e que foi colocada por Aristóteles no período clássico: O que é um Ser enquanto Ser? Mas para Heidegger a inquirição desse Ser assume um contorno entre a compreensão do tipo de ser numa separação entre o fenômeno lógico e o senso que pertence a um ente e permite que este se torne conhecido e por consequência verdadeiro. Nesse caso o que Heidegger se questionou era o que seria o Ser enquanto verdade, sem uma distinção precisa do Ser enquanto fenômeno lógico ou fenômeno físico. A partir de uma localização ou topologia do Ser Heidegger se afastou de um pensamento metafísico e se posicionou num impensado de retorno a origens que se tornam uma nova origem (PÖGGLER, 1981).

Merleau-Ponty a partir de uma crítica contundente da ciência positiva abre espaço para uma desconstrução da metafísica próxima da noção de desconstrução que virá a ser festejada em Derrida (PRIEST, 2003). Aqui entretanto a terminologia se resume à ontologia. Para Merleau-Ponty não pode existir qualquer ontologia absoluta que nos dê o mundo como pensado enquanto exterior à experiência humana. É possível entretanto pensar uma ontologia indireta, que evoque e elucide os aspectos mais fundamentais das coisas a partir da nossa situação entre elas (KIN; SOSA, 1999).

O núcleo da ontologia de Merleau-Ponty reside na reciprocidade que este vê entre o mundo perceptivo o ser incorporado, outros seres incorporados e as coisas com corpo. No nível da experiência, abaixo do julgamento auto-consciente, encontramos nosso ser atrelado a outros seres e coisas num entrelaçamento que impede de distinguir o que é contribuição nossa ou dos outros. As coisas percebidas estão tanto nelas mesmas como para nós reveladas como transcendentais, pré-existent, mas apenas nas perspectivas limitadas que nós e os outros adotamos delas. Somos ao mesmo tempo para nós mesmos, para os outros e as coisas, sujeitos conscientes, ainda que apenas temporariamente inter-relacionados com outras coisas, com o passado e com o futuro através dos nossos corpos (KIN; SOSA, 1999).

A profundidade de Merleau-Ponty acentua ainda mais o quão complexo pode se tornar este jogo da retórica em metafísica. Mas a defesa de posições, a exposição de certezas, nada disso é suficiente se pensarmos como atualmente, em que pesem estes breves pontos aqui ilustrados, a concepção “pós-modernista” de conhecimento coloca um desafio adicional para o empreendimento metafísico.

A noção de condição pós-moderna de Lyotard (1984) opera no problema do conhecimento com o argumento central de que não são mais válidas as meta-narrativas modernas. A construção do conhecimento científico deve ser compreendida então nos jogos de linguagem. A fala é jogo, disputa, e os laços sociais observáveis são aqueles compostos por “movimentos” da linguagem, como nos movimentos de um jogo de xadrez.

A tecnologia para o saber ciência (moderno) cria uma forma de saber utilitário que se insere no modo capitalista de produção, tornando a ciência um manipular em produtos. Um jogo de linguagem onde o que importa é a performatividade, ou a eficiência da relação inputs / outputs. Na sociedade computadorizada este saber se produz poder pela capacidade de produzir mais informação e as ciências que lidam com a informação passam então a dominar a lógica das outras ciências como a biologia e a medicina por exemplo (LYOTARD, 1984).

Na condição pós-moderna as funções de regulação e reprodução passam para as máquinas e as classes dominantes compõem-se daqueles que decidem qual a informação a ser usada pela máquina. Trata-se de uma camada composta de líderes corporativos, administradores de alto nível e as mais importantes organizações políticas, do trabalho e religiosas. Porém, cada instituição passa a privilegiar um tipo particular de declaração (jogo de linguagem), e nesse caso conhecimento científico passa a ser recontextualizado a partir do resgate da importância do conhecimento narrativo.

O conhecimento narrativo, segundo Lyotard (1984), pode ser entendido então por sua diferenciação do que seria o conhecimento selvagem para o conhecimento científico moderno. A narração é em várias formas o quintessencial do conhecimento usual. A narrativa pode por exemplo por meio dos mitos apresentar o que é positivo e negativo então numa sociedade, o que deve ou não ser ponto de desenvolvimento. As narrativas como tradicionalmente observadas tem em comum o fato de sempre obedecerem a alguma regra pragmática, uma colocação de papéis que estabelece a questão do saber fazer, saber dizer e saber entender.

O conhecimento pós-moderno, argumenta Lyotard (1984), admite a imperfeição e abandona a premissa do controle absoluto do sistema, porque o esforço informacional simplesmente não compensa. Deixam-se de lado as grandes narrativas e as pequenas narrativas são retomadas como quintessência da invenção imaginativa na ciência.

A paralogia de Lyotard (1984) é justamente o movimento no jogo da pragmática do conhecimento. Abandona-se o consenso que não pode mais ser atingido e busca-se o dissenso. A pragmática da ciência pode ser vista como um sistema aberto onde uma declaração é considerada relevante se gera ideias, ou seja, outras declarações e novas regras de jogo. A ciência não possui uma metalinguagem que incorpore todas as outras linguagens.

Nos estudos organizacionais Burrell (1999, p. 454-458) dá enfoque aos trabalhos de Foucault e Derrida, incluindo-os, não sem várias ressalvas, nesse pós-modernismo. De Foucault, entre outras questões, destaca como o método arqueológico e o genealógico prestam-se a abordagens nos estudos organizacionais. Quanto a Derrida, destaca que “a noção [...] de desconstrução tem provado ser um estímulo poderoso às formas de pensamento pós-modernas. Ela lança uma maneira totalmente diferente de pensar e ‘ler’ textos”.

Mas se retomarmos a discussão central vemos logo então que o que de fato o “pós-modernismo” e outras formas de contestação das narrativas modernas fazem e criar uma nova discussão metafísica. Nesse caso a linguagem é entendida como central no repensar dos problemas filosóficos.

### **O caminho dos procedimentos**

*Como utiliza-se o termo “metafísica” nas comunicações científicas da Administração?* Partimos desta questão e selecionamos dentre os 70 periódicos classificados como Qualis A1 para a área (Administração, Ciências Contábeis e Turismo) aqueles que indicavam relação com a Teoria Organizacional. Chegamos a um grupo de investigação de 47 periódicos, contudo, verificamos que a seleção poderia enviar consideravelmente a verificação pretendida dado o número de periódicos dedicados a temáticas e áreas mais abrangentes como os da sociologia, ou os de temáticas demasiado específicas como a do “desenvolvimento” ou “gerenciamento do lixo”, por exemplo.

Efetuamos então uma segunda triagem em que procuramos limitar os periódicos por sua relação com a Administração ou “management” dentro das macro áreas de gestão clássicas. Dessa forma chegamos a um grupo de investigação de 14 periódicos Qualis A1 (ver quadro 1).

PERIÓDICOS	
1	International Business Review
2	International Journal of Industrial Organization
3	International Journal of Information Management
4	International Journal of Operations & Production Management
5	Journal of Business Research
6	Journal of International Management
7	Journal of Operations Management
8	Journal of Organisational Change Management
9	Journal of the Academy of Marketing Science
10	Omega (Oxford)
11	Organization Science (Providence, R.I.)
12	Organization Studies
13	Public Management Review
14	Strategic Management Journal

Quadro 1 : Periódicos Qualis A1 investigados

Uma vez definido o grupo de investigação, dada a complexidade do assunto, resumimos nossa busca a apenas uma palavra chave: metafísica, em Inglês *metaphysics*, cientes de que este procedimento deixou de fora abordagens, discursos, discussões “metafísicas” que não utilizaram explicitamente o termo, assim como as derivações da palavra. Porém, justificamos esta medida com a retomada do nosso argumento principal, qual seja, o do aprendizado de linguagem nas práticas profissionais, para considerar que o foco em olhar o termo “metafísica” se apresenta como relevante neste nosso empreendimento.

Procuramos a resposta para nossa questão num corpo de produção recente, utilizando como critério o período a partir do qual os artigos do periódico Organization Studies estão digitalizados de forma a permitir busca por entre as partes do texto. Ou seja, de 2003 em diante. Organization Studies foi a referência por ser o periódico que retornou maior número de artigos (ver quadro 2).

As buscas foram feitas separadamente e individualmente por periódico. Primeiro foram identificados aqueles artigos indexados com o termo metafísica, em seguida o termo foi procurado ao longo dos textos. Não consideramos os artigos que apresentavam metafísica apenas como palavra-chave, ou onde a termo aparecia apenas nas referências, por entender que estes impossibilitariam uma compreensão objetiva de “uso do termo”. Obtivemos como resultante um quadro de 10 artigos em 3 periódicos (ver quadro 2). Para cada um dos artigos buscamos então fazer uma contextualização do uso do termo metafísica.

PERIÓDICOS	N DE ARTIGOS
Journal of Organisational Change Management	3
Organization Studies	6
Strategic Management Journal	1

Quadro 2 : Número de artigos com o termo “metafísica” no texto

### **Metafísica na Ciência em Administração**

Schinkel (2004) fala em metafísica como uma ontologia específica. Como se ontologia fosse o genérico e a metafísica, no caso “metafísica da presença”, uma possibilidade ontológica. Sua preocupação é a noção de social da sociologia e como isto deixa de fora entes que não são considerados como formadores da sociedade. O autor advoga assim por uma noção do social a partir da associação entre humanos e não-humanos, questão que está entre as proposições centrais da Teoria Ator-Rede que surge nos estudos sociais da ciência e dedica uma parte do seu empreendimento à compreensão da ciência num viés antropológico.

Em Casey (2004) a metafísica se insere na desconstrução do pós-modernismo que permite uma recontextualização pelas feministas das questões de gênero nas organizações a partir dos trabalhos de Foucault e Derrida. Ontologia é a aqui representação. A desconstrução da metafísica ocidental traz a possibilidade de novas epistemologias para os estudos organizacionais. E o uso da palavra metafísica restringe-se à sua associação com ontologia.

Beech e Jhonson (2005) argumentam que não pretendem discutir a metafísica do “vir a ser” em uma concepção que trata da mudança como um objeto ao invés de um processo. Os autores afirmam que a prática nos estudos organizacionais é tratar de pontos estabilizados da organização ao invés dos processos de transformação, e que dessa forma a mudança se caracteriza como observação de padronagem fugindo a uma compreensão mais apropriada do assunto. O uso de metafísica aqui pode ser entendido mais uma vez como ontologia. Como entendemos o ser do “objeto” e passamos a investiga-lo.

Metafísica enquanto uma visão da realidade. É como se encaixa o termo em Paradeise (2003). Ao mostrar uma visão histórica dos interesses na sociologia do trabalho na França a autora procura apontar como, ao passo que a “realidade” foi se movendo, as alianças e interpretações do fenômeno trabalho foram acompanhando o movimento e se deslocando também de uma “metafísica”, visão da realidade, para outra.

A compreensão de que a própria hegemonia da noção de visão nas ciências é um problema posiciona o uso do termo metafísica em Kavanagh (2004). Para a autora, a percepção da visão enquanto mais propícia a fundamentar ontologias que os outros sentidos cria o distanciamento entre sujeito-objeto característico da metafísica grega e ocidental. Kavanagh (2004) se apoia Derrida, Heidegger, Nietzsche e outros críticos da metafísica para contextualizar o que chama de natureza ocular da filosofia ocidental e apresentar uma alternativa pós-moderna a esta compreensão.

Llewellyn (2007) apenas menciona o termo em sua tentativa de mostrar que a agência requer uma compreensão ampliada nos estudos organizacionais. Para a autora, muito se perdeu num salto direto do estruturalismo para as teorias pós-modernas. As agências têm então uma compreensão a ser resgatada. Neste caso, a menção fala em metafísica da mudança e do tempo, dando a entender no contexto que a noção se apoia nas categorias de percepção da realidade.

Luckmann (2008) aborda a constituição do sentido da experiência e da ação, descrevendo-a como o alicerce da vida social e da interação comunicativa. A metafísica aqui aparece na advertência de que o reducionismo, seja das abordagens materialista ou idealista não se presta a explicações nem para a organização sistemática dos elementos sobre os vários níveis sociais interligados nem para o encadeamento sistemático de eventos em cada dimensão do tempo com os quais estes níveis se relacionam. Dessa forma, aqui a metafísica se relaciona com as categorias tradicionais de compreensão da existência e realidade.

Miller (2009) trata das hipóteses modernistas sobre riscos organizacionais, apontando o naturalismo e o atomismo como fundações metafísicas modernas. Aqui temos a metafísica

nitidamente enquanto ontologia, apontando para uma concepção modernista que acreditava em um mundo real e coerente, tornando possível o progresso científico. Ao passo que o atomismo trazia das de ciências naturais a ênfase no indivíduo para o método filosófico e as teorias sociais.

Metafísica enquanto uma visão de mundo subjacente às nossas práticas e epistemologias. Este é o uso dado ao termo por Duymedjan e Ruling (2010). Neste caso, a bricolagem, conceito de Lévi-Strauss que envolve uma estética do improvisado, é pensada para o contexto organizacional e se apresenta como prática, epistemologia e visão subjacente de mundo, ou metafísica. A metafísica em Duymedjan e Ruling (2010) é o que compreende os valores que estruturam o mundo do indivíduo. Valores que são projetados tanto no mundo material quanto no simbólico e que moldam nosso senso de espaço e tempo e as interações entre os humanos e as outras entidades do mundo.

Powell (2003) traz a discussão da filosofia para a área da estratégia. Aborda o positivismo como uma sobrevivente, forte e resistente, na produção científica da área, independente de todas as controvérsias presentes no campo. O uso de “metafísica” em Powell (2003) está alinhado com a problemática no campo da filosofia do conhecimento. Alinhando com a compreensão das críticas ao positivismo lógico. Enfim, considerando “metafísica” como um termo particular, mas também compreendendo-o como uma questão histórica das ontologias nas ciências.

### **Para a conversa continuar**

Dentre as afirmações que podem ser feitas a partir da nossa investigação a primeira delas é que “metafísica” não é um termo muito utilizado na nossa produção científica recente. Ainda que não possamos afirmar que as questões metafísicas não estejam presentes. Contudo, em se tratando do aprendizado de linguagem, mais especificamente do uso do termo “metafísica”, entendemos que a sua diversidade e complexidade encerra tantas nuances que certamente é mais preciso partir para o termo ontologia quando estamos nos referindo às discussões de realidade ou ser dos seres.

Na maioria dos casos metafísica se apresenta como um sinônimo para visão de mundo, visão de realidade. Em outros casos, como em Kavenah (2004), o termo está de fato inserido numa discussão de metafísica. As menções a visão de realidade, percepção de realidade, compreensão e existência de realidade estão então no fluxo deste tipo de discussão.

Por outro lado a associação metafísica - ontologia é uma questão de difícil entendimento em separado. Metafísica aparece aqui como ontologia específica, como ontologia da representação, como simples ontologia e como termo particular e histórico das ontologias nas ciências.

Um ponto de apoio para a apreensão dessa questão linguística e cognitiva é a problemática do modernismo e a conseqüente desconstrução pós-moderna. Nesse ponto, metafísica sai de compreensões de conhecimento e passa para a questão de valores que estruturam o mundo do indivíduo, dentre outras possibilidades não vislumbradas pela abordagem aqui adotada.

### **Referências**

AKTOUF, Omar. *A administração entre a tradição e a renovação*. São Paulo: Atlas, 1996.

AKTOUF, Omar. *Pós-globalização, administração e racionalidade econômica: a síndrome do avestruz*. São Paulo: Atlas, 2004.

ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria Crítica e Abordagens Pós-Modernas para Estudos Organizacionais. Cap. 8. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. *Handbook de Estudos Organizacionais – Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. v.1. São Paulo: Atlas, 1999.

AREND, R.J. Revisiting the logical and research considerations of competitive advantage. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 24, n. 3, p. 279-284, 2003.

BADILLO, Robert Peter. *The emancipative theory or Jurgen Habermas and Metaphysics*. Whashington: The Council For Research in Values and Philosophy, 1991.

BEECH, Nic; JOHNSON, Phyl. Discourses of disrupted identities in the practice of strategic change: The mayor, the street-fighter and the insider-out. *Journal of Organizational Change Management*, v. 18, n. 1, p. 31-47, 2005.

BURREL, G. Ciência Normal, Paradigmas, Metáforas, Discursos e Genealogia da Análise. Cap. 17. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. *Handbook de Estudos Organizacionais – Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. v.1. São Paulo: Atlas, 1999.

CABRAL, Augusto C. A. Reflexões sobre a pesquisa nos estudos organizacionais: Em busca da superação da supremacia dos enfoques positivistas. *RIMAR - Revista Interdisciplinar de Marketing*, v.1, n.1, p. 60-73, jan./abr. 2002.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

CASEY, Catherine. Contested rationalities, contested organizations : Feminist and postmodernist visions. *Journal of Organizational Change Management*, v. 17, n. 3, p. 302-314, 2004.

CHANLAT, Jean-François. *Ciências sociais e management*. São Paulo: Atlas, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CLEGG, Stewart; CARTER, Chris; KORNBERGUER, Martin. A "Máquina Estratégica": Fundamentos Epistemológicos e Desenvolvimentos em Curso. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 21-31, out./dez. 2004.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: principio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 1996.

DILLON, Martin C. (org.) *Merleau-Ponty vivant*. New York: Suny, 1991.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *A maldição do trabalho*. João Pessoa: Editora Manufatura, 2004.

DOMINGUES, José Mauricio. *Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea*. São Paulo: Civilização brasileira, 1999. p. 52-81.

- DUBOIS, Christian. *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DURAND, Rodolphe. *Competitive advantage exist: a critique of Powell*. Strategic Management Journal, Chichester, v. 23, n. 9, p. 867-872, 2002.
- DUYMEDJAN, Raffi; RÜLING, Charles-Clemens. Towards a foundation of Bricolage in Organization and Management Theory. *Organization Studies*, n. 31, v.2, p. 133-151, 2010.
- FACHIN, Roberto. Conversões, convergências, paradoxos e paradigmas e os estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 10, n. 28, p. 35-45, set./dez. 2003.
- GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e moderna teoria social*. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- GJERALD, Olga; ØGAARD, Torvald. Eliciting and analysing the basic assumptions of hospitality employees about guests, co-workers and competitors . *International Journal of Hospitality Management*, 2009 (in press).
- GREY, Christofer. O Fetiche da Mudança. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 44, n. 1, jan. /fev. /mar. 2004, p. 10-26.
- HARVEY, D. *Condição Pós-moderna*. 6. ed. São Paulo, Loyola, 1996.
- HECK, José N. *Da Razão Prática ao Kant Tardio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- KAVANAGH, Donncha. Ocularcentrism and its Others: A Framework for Metatheoretical Analysis. *Organization Studies*, v. 25, n. 3, p. 445 – 464, 2004.
- KIN, Jaegwon; SOSA, Ernest. (eds.) *A Companion to Metaphysics*: Massachusetts: Blackwell, 1999.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LECLERC, Ivor. *Whitehead's Metaphysics: an introductory exposition*. London: George Allen and Unwin Ltd, 1958.
- LETICHE, Hugo. Phenomenal complexity theory as informed by Bergson. *Journal of Organizational Change Management*. v. 13, n. 6, p. 545 – 557, 2000.
- LLEWELLYN, Sue. Introducing the Agents... *Organization Studies*, v. 28, n. p. 133-153, 2007.
- LYOTARD, J.F. *The postmodern condition: A report on knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

LOUX, Michael J. *Metaphysics: A contemporary introduction*. 2. ed. New York: Routledge, 2002.

LUCKMANN, Thomas. On Social Interaction and the Communicative Construction of Personal Identity, Knowledge and Reality. *Organization Studies*, v. 29, n. 2 p. 277 – 290, 2008.

MATTOS, Pedro L.C.L. A estruturação de dissertações e teses em administração: caracterização teórica e sugestões práticas. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 175-198, set./dez. 2002.

MATTOS, Pedro L.C.L. O que diria Popper à literatura administrativa de mercado? *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 60-69, jan./fev./mar. 2003.

MATTOS, Pedro L.C.L. Teoria Administrativa e Pragmática da Linguagem: Perspectivas para Problemas que Afligem as Relações entre Acadêmicos e Consultores, Educadores e Educandos. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 35-55, abr./jun. 2003a.

MILLER, Kent D. Organizational Risk after Modernism. *Organization Studies*, v. 30, n. 2, p. 157 – 180, 2009.

MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Tomo III (K-P). São Paulo: Loyola, 2001.

MOTTA, Fernando C. Prestes; ALCADIPANI, Rafael. O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 117-128, abr./maio/jun. 2004.

PALLARES-BURKE, Maria L. G. A sociedade líquida. *Folha de São Paulo*. 19 de outubro de 2003.

PARADEISE, Catherine. French Sociology of Work and Labor: From Shop Floor to Labor Markets to Networked Careers. *Organization Studies*, v. 24, n. 4, p. 633 – 653, may 2003.

PÖGGELER, Otto. Metaphysics and the Topology of Being in Heidegger. In: SHEEHAN, Thomas. *Heidegger: the man and the thinker*. Chicago: Precedent, 1981.

POWELL, Thomas C. Strategy without ontology. *Strategic Management Journal*, v. 24, p. 285 –291, 2003.

PRIEST, Stephen. *Merleau-Ponty*. New York: Routledge, 2003.

SCHINKEL, Willem. “Inertia Creeps”, or a phenomenological perspective on objects in sociology. *Journal of Organizational Change Management*, v. 17, n. 4, p. 396-407, 2004.

ZHU, Zhichang. Towards an integrating programme for information systems design: an Oriental case. *International Journal of Information Management*, n. 21, n. 1, p. 69 -90, 2001.